

Os sertões: ressignificando discursos

Lidiane Santos de Lima¹

Resumo: *Os sertões*, de Euclides da Cunha, é um livro enciclopédico que relaciona diferentes áreas do conhecimento. É, também, uma obra investida de dramaticidade, de poesia épica e de imagens distintas. Apesar da vasta produção bibliográfica sobre o livro, novas leituras e significações são possibilitadas pelo *girar de saberes* do mesmo. O presente artigo tem por objetivo analisar as três principais partes de *Os sertões*, comparando-as com a produção jornalística de Euclides da Cunha sobre Canudos. Por meio de um estudo literário, objetiva-se, ainda, apontar os recursos linguísticos usados por Euclides, assim como os elementos trazidos por ele de outros gêneros discursivos. Desta forma, observa-se como esta obra de forte teor literário ressignifica discursos históricos e jornalísticos. Para isto, além da análise da obra euclidiana, é realizada a leitura dos principais artigos produzidos durante a guerra por Euclides da Cunha, possibilitando um cotejo entre eles. O artigo é fundamentado por uma leitura interdisciplinar, usando teorias e expedientes de diferentes áreas (Literatura, Comunicação etc), e polifônica, por meio de autores como: Roland Barthes, Ítalo Calvino, Roberto Ventura e outros. Contempla, ainda, fronteiras e confluências entre jornalismo, história e literatura. Neste trânsito entre diferentes formas discursivas, verifica-se como *Os sertões* evidencia ou advoga, enfim, a necessidade

¹ Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Mestra em Literatura e Diversidade Cultural / UEFS. Endereço eletrônico: lidicom@ig.com.br.

de deslocamento da representação jornalística para a reflexão e a expressão literária como forma de garantir uma história singular como a de Canudos.

Palavras-Chave: Canudos; Discursos; Euclides da Cunha; Literatura; *Os sertões*.

***Os sertões*: re-signifying speeches**

Abstract: *Os sertões* written by Euclides da Cunha links different areas of knowledge. It is also a work full of drama with a great deal of Epic poem, and distinct images. In spite of the huge bibliography about the book new readings and meanings are possible to see through the round of knowledge of it. The aim of this article is to analyze the three main parts of *Os sertões*, making a comparison with the journalistic production of the writer. The next aim is through a literary study point out the linguistic resources used by Euclides da Cunha as well as the elements brought out by him from other discursive means. By doing this we can learn how this piece of strong literary value reinforces the historic and journalistic speeches. In order to do this, besides analyzing his work, we read all his writings done during the war, allowing a comparison between them. This article is based in a reading of different areas such as literature, communication and reading authors such as: Roland Barthes, Italo Calvino, Roberto Ventura and others. It also looks at frontiers and similarities between journalism, history and literature. By experiencing various discursive forms, it is clear that *Os sertões* makes evident or advocates

the need of dislocate the journalism representation to a reflection and literary expression as a way to assure a unique history like the one in Canudos.

Keywords: Canudos; Speech; Euclides da Cunha; Literature; *Os sertões*.

Canudos mudou minhas idéias sobre a história, sobre o Brasil e sobre os homens. Mas, principalmente, sobre mim.

Mario Vargas Llosa

“No momento em que a ciência desconfia das explicações gerais e de soluções que não sejam setoriais e especializadas, o grande desafio da literatura é o de saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralística e multifacetada do mundo”, afirma Ítalo Calvino (1997, p. 127). Ou, como escreveu Barthes, “a literatura faz girar os saberes” (2002, p. 18). *Os sertões*, de Euclides da Cunha, faz girar saberes múltiplos, passando das ciências à história e a mais outras tantas áreas do conhecimento que servem de base ao livro. É, portanto, uma obra enciclopédica que relaciona distintas áreas do conhecimento, como geologia, sociologia, história, geografia, comunicação e outras.

Considerada uma obra investida de dramaticidade retórica, de poesia épica e de imagens diversas, *Os sertões* se caracteriza, ainda, como literatura-testemunho, que trabalha com a necessidade e a impossibilidade de lembrar-se. Apresentando-se como um texto

“complexo”, no qual movimentam-se discursos e linguagens distintas, *Os sertões* pode ser lido também como *literatura* – mas não necessariamente ficção. “Sendo impróprio, a meu ver, considerar esta obra como livro ficcional, não seria incorreto, entretanto, buscar nela um dos seus discursos mais tonificantes, aquele que imita o da ficção”, afirma Leopoldo Bernucci (2002, p. 42). Euclides utiliza procedimentos literários², mas não imprime uma função ficcional ao texto.

Apesar de *Os sertões* já ter sido bastante explorado em sua diversidade, propomos realizar um estudo literário deste livro, comparando-o com a produção jornalística de Euclides da Cunha sobre Canudos. Assim, por meio de uma leitura interdisciplinar e polifônica, observaremos como esta obra de forte teor literário a todo tempo ressignifica discursos históricos, jornalísticos etc.

Entre História, Jornalismo e Literatura

Produzir um livro já estava nos planos de Euclides da Cunha desde que foi a Canudos, onde permaneceu pouco menos de três semanas, remetendo notícias sobre os combates para *O Estado de S. Paulo*. Este jornal, no dia 30 de julho de 1897, publicou uma nota

² Conforme Bernucci (2002, p. 46), “No plano lingüístico, é preciso mencionar a descrição minuciosa e estilizada [...], os símiles ou comparações, as enunciações, as repetições de tipo anafórico, um vocabulário servindo de suporte ao mundo épico da Antiguidade [...] e, finalmente, uma tendência a construir sintagmas de dez e doze sílabas à semelhança dos versos heróicos épicos e dos heróicos quebrados ao estilo parnasiano”.

que confirmava a viagem de Euclides e anunciava seu objetivo de “escrever um trabalho de fôlego sobre Canudos e Antônio Conselheiro”, que seria um “valioso documento para a história nacional”. Segundo José Calasans (1969), também os jornais baianos, no dia 8 de agosto de 1897, informaram que Euclides chegava à Bahia com a finalidade de estudar “as condições geológicas do terreno de Canudos” e escrever um livro sobre aquela guerra.

Com base em tudo o que já havia lido sobre a região, escrito, enquanto colaborador do jornal paulista, e presenciado na guerra, Euclides publicou, em dezembro de 1902, *Os sertões* – obra redigida e organizada sob o incentivo de seu amigo Francisco Escobar, na cidade de São José do Rio Pardo (SP), onde se fixou entre 1898-1901.

Conforme Leopoldo Bernucci (2002a, p. 15), a “incorporação de materiais extraídos de fontes ficcionais combinados com os das fontes históricas, científicas e jornalísticas faz de *Os sertões* a primeira grande obra verdadeiramente canibalesca da nossa literatura; um belo antecedente de textos modernistas”. Enfim, uma obra de fundação, rica em intertextualidades, que marcou a história da literatura brasileira.

Grandemente influenciado pela filosofia determinista, de acordo com a qual o homem é consequência direta do meio, da sua raça e do momento em que vive, o autor de *Os sertões* o dividiu em três partes: *A terra*, *O homem* e *A luta*. Porém, para criar seus protagonistas e configurar a nacionalidade brasileira, Euclides buscou outras orientações sociológicas do século XIX, a exemplo da teoria evolucionista de H. Spencer, da doutrina do sociólogo austríaco Ludwig

Gumplowicz, do ensinamento do historiador francês Hyppolite Taine, da ciência de Orville Derby e de outros (SANTANA, 2001). Todavia, mesmo com tamanha cientificidade e historicidade, Euclides não desprezou o efeito estético e literário em sua obra. De acordo com Walnice Galvão, existem, em *Os sertões*, incorreções de reflexões e de informações da ótica de outras disciplinas, que “desaparecem quando o estudo é de natureza literária. Porque o dever número um do artista que escreve literatura é com sua própria imaginação, é com estética, não é com fatos”. Assim, “ele adapta os fatos ao seu projeto estético”. Isto pode ser comprovado, segundo Walnice Galvão, através das correspondências do escritor. Após a publicação de *Os sertões*, muitas cartas foram-lhe enviadas por militares que participaram da guerra, corrigindo nomes, locais, acontecimentos etc. Euclides poderia ter retificado tais informações nas edições posteriores de *Os sertões* (que foram corrigidas por ele incessantemente), mas não o fez, pois “nada é gratuito no livro. Como nada é gratuito numa obra literária” (GALVÃO, 1993, p. 23-4).

A manipulação, por Euclides, das afirmações de algumas das suas fontes, como do *Relatório* do padre capuchinho que visitou Canudos, é um exemplo de que ele “está mais interessado no episódio em si, pelas suas potencialidades narráveis, do que na precisão histórica [...]”. Do que Leopoldo Bernucci (1995, p. 22) conclui: “Não é gratuito, portanto, que a reconstrução desse documento pelo autor de *Os sertões* aponte outras características próprias do discurso do imaginário”.

A Terra

Durante a primeira parte de *Os sertões, A terra*, Euclides dialoga com diversos autores naturalistas e cientificistas, e estuda a natureza do país, com informações minuciosas da geologia, do relevo, do clima e da vegetação, além de análises sobre a formação do continente e do país. Todos os dados selecionados e autores citados por Euclides, no contexto do livro, convêm para a confirmação científica das suas ideias. Entretanto, “através da linguagem estonteante e persuasiva de Euclides, a representação da natureza chega a ser tão perfeita e detalhada, a despeito de sua factibilidade, que o que passa a adquirir importância parece não ser propriamente o que se narra mas como se narra” (BERNUCCI, 1995, p. 107).

À medida que prossegue a viagem a caminho de Canudos, descreve poeticamente o clima paradoxal do dia quente seguido pela noite fria e narra a seca suportável apenas pelas caatingas, pelos juazeiros, umbuzeiros, favelas e juremas, em contraste com as “diluvianas” tormentas:

De um lado a extrema secura dos ares, no estio, facilitando pela irradiação noturna a perda instantânea do calor absorvido pelas rochas expostas às soalheiras, impõe-lhes a alternativa de alturas e quedas termométricas repentinas [...]. De outro, as chuvas que fecham, de improviso, os ciclos adurentes das secas, precipitam estas reações demoradas (CUNHA, 2002, p. 88).

Narrando “alturas e quedas termométricas”, secas e chuvas, calor durante o dia e frio à noite, ele sintetiza

tais aparentes contradições ao afirmar que “a natureza compraz-se em um jogo de antítese” (CUNHA, 2002, p. 135). Mapas e desenhos também são distribuídos principalmente nesta parte do livro, para ajudar o leitor a localizar os acontecimentos geograficamente. Todo este poético estudo geográfico, geológico e climático não é vão. Após a leitura completa da obra, entende-se a necessidade da primeira parte para a compreensão do todo. José Carlos Barreto de Santana (2001, p. 113), ao estudar as metáforas geológicas de *Os sertões*, explica:

A geologia aparece como que dotada de vontade e sentimentos, prestando-se com perfeição a esta narrativa de movimento, com suas camadas que se deprimem e se elevam, com suas forças capazes de rasgar as formações rochosas e com massas magmáticas que extravasam do interior desconhecido. Mais uma vez estamos diante de uma representação da natureza em conflito, que prefigura o embate secular entre o homem e o meio, e ainda o combate entre o litoral e o sertão, ou entre o soldado e o jagunço.

Quando, em *A luta*, será narrada a Guerra de Canudos, o leitor já terá em mente diversos tipos de embates propostos na primeira parte do livro. Euclides se refere aos vegetais, por exemplo, que atacados pela atmosfera seca e pelo solo sem adubo, armam-se de espinhos. Ele fala, também, em “plantas sociais” que se unem para a sua mútua proteção, resistindo, como o sertanejo, àquela região de aparente impossibilidade de vida. Ainda, quando Euclides retoma a rápida análise feita na sua reportagem de 1º de setembro de 1897 para *O Estado de*

S. Paulo, e fala do *melocactus* cabeça-de-frade³, um tipo de cacto redondo que uma vez por ano dá uma flor vermelha e faz lembrar uma cabeça decepada, prepara o leitor para a “gravata vermelha” (degola dos conselheiristas) que será delatada na última parte de *Os sertões*. Assim, desde o início do livro o autor tem “uma visão de luta e de agonia, e de combate de forças” (GALVÃO, 1993, p. 24). Como observa Walnice Galvão, a vegetação, na obra euclidiana, aparece dotada de desígnio e de vontade de participar da luta, e por isso, alia-se ao sertanejo, transformando-se em importante personagem de *Os sertões*. Desde seus artigos jornalísticos, reunidos no livro *O diário de uma expedição*, Euclides já a caracterizava como protetora do homem daquela terra⁴ e, em *Os sertões*, ela passa a ser vista também como a principal arma de resistência do sertanejo: “As caatingas não o escondem apenas, amparam-no”.

Em *Os sertões*, o sertão eleva-se de espaço físico a espaço não dimensional, histórico, a partir do qual vão ser discutidos os temas da essência do País. Como afirma Roberto Ventura (2000, p. 14), citando Euclides, “o espaço geográfico se transforma [...] em palco de um ‘emocionante drama’ histórico”.

O espaço físico de presença determinante já aparece como território cultural, refletindo o feixe de inter-relações históricas e metalingüísticas [...]. Se a paisagem física dimensionava as

³ “Parecem cabeças decepadas, esparsas à margem dos caminhos. Encima-as uma única flor, de um vermelho rutilante, como uma coroa, ensangüentada, aberta” (CUNHA, 2003, p. 73).

⁴ “Agressiva para os que a desconhecem – ela é providencial para o sertanejo” (CUNHA, 2003, p. 72).

especificidades das comunidades sertanejas, habituadas a reagir à natureza inóspita, a configuração das caatingas, tornada espaço histórico, se apresenta como paradigma identitário, surge como ambiente síntese das contradições de conquista da terra brasileira (ALENCAR, 2001, p. 210).

Os sertões será considerada uma obra que reflete a procura pelo “verdadeiro” país, pelo seu povo, que irá revelar a interação entre espaço físico e social, permitindo avaliar “a influência do ambiente sobre o nosso caráter e a nossa raça em formação”, segundo Durval Muniz de Albuquerque Jr. (1999, p. 53). Por isto, ainda de acordo com este autor, “*Os sertões* é sem dúvida, um marco, no sentido em que esboça os elementos em que vai ser pensado o problema da nossa identidade nacional”.

O Homem

O enfoque principal da segunda parte, *O homem*, é a formação antropológica do brasileiro, resultante da miscigenação de três raças, e mais especificamente, a origem do homem sertanejo⁵ que, semelhante ao clima e à vegetação onde vive, é, para Euclides, bárbaro, inconstante, rude e impetuoso.

Euclides apresentou o Brasil como um país mal conhecido. O gaúcho, o sertanejo e o paulista se

⁵ Em *Os sertões*, volta a ter destaque o sertanejo que, conforme o artigo de 1º de setembro, tem “uma capacidade de resistência prodigiosa e tem uma organização potente que impressiona” (CUNHA, 2003, p. 73).

ignoravam, apesar de terem em comum um mesmo nível de fanatismo e sentimentalismo⁶. Euclides avalia as disparidades e semelhanças entre estes personagens coletivos, e os relaciona com a diversidade climática, regional e cultural existente no Brasil:

O gaúcho do sul, ao encontrá-lo nesse instante, sobreolhá-lo-ia comiserado. O vaqueiro do norte é a sua antítese. Na postura, no gesto, na palavra, na índole e nos hábitos não há equipará-los. O primeiro, filho dos plainos sem fins, afeito às correrias fáceis nos pampas e adaptado a uma natureza carinhosa que o encanta, tem certo, feição mais cavalheirosa e atraente. A luta pela vida não lhe assume o caráter selvagem da dos sertões do Norte. Não conhece os horrores da seca e os combates cruentos com a terra árida e exsicada (CUNHA, 2002, p. 211).

Como no artigo jornalístico de 15 de agosto de 1897, Euclides explicitará, no livro, os diferentes tipos de brasileiros que, motivados pela guerra, irão se unir para destruir o sertanejo – que seria, para ele, o “cerne da nacionalidade”.

Após se lembrar dos brasileiros de diferentes regiões, que um dia pisaram a terra baiana e que lá estavam novamente, parecendo um “refluxo prodigioso da nossa história”, Euclides, no artigo de 15 de setembro para *O Estado de S. Paulo*, vê como a um espetáculo, a

⁶O mesmo grau de paixão e veneração que faziam os sertanejos gritarem: “Viva Belo Monte! Viva Conselheiro!”, era sentido também pelos soldados que respondiam com o mesmo fervor: “Viva a República! Viva o Marechal Floriano!”

união de tamanha diversidade nacional pelo “influxo de uma aspiração única”. Mas adverte que, após a guerra, por aquela estrada, era necessário seguir “um herói anônimo”, que “sem triunfos ruidosos [...] será [...] o verdadeiro vencedor: O mestre-escola” (CUNHA, 2003, p. 42-6). Retoma tal discussão no texto de 1º de setembro, ao afirmar: “penso que a nossa vitória amanhã não deve ter exclusivamente um caráter destruidor. Depois da nossa vitória, inevitável e próxima, resta-nos o dever de incorporar à civilização estes rudes patricios que – digamos com segurança – constituem o cerne da nossa nacionalidade” (CUNHA, 2003, p. 74). De acordo com Carlos Marcos Avighi, Euclides deixava entender, em suas reportagens, que, “para incorporar o sertanejo à nação era necessário suprimir as condições mentais em que vivia e prepará-lo para a identidade nacional”. Para Euclides, havia uma urgência em integrar os “brasileiros dispersos por um território imenso e mal mapeado”; e o sertanejo seria o “elemento catalisador” para a definição nacional, mesmo estando *à margem da história* e sendo negligenciado pelo governo que agora precisaria agregá-lo à nova ordem republicana.

Em *Os sertões*, Euclides retoma trechos desses artigos, com algumas modificações: troca a expressão “caráter destruidor” por “função estúpida e bem pouco gloriosa de destruir um povoado dos sertões”, e acrescenta: “Havia um inimigo mais sério a combater, em guerra mais demorada e digna. Toda aquela campanha seria um crime inútil e bárbaro, se não se aproveitassem os caminhos abertos à artilharia para uma propaganda tenaz, contínua e persistente, visando trazer para o nosso tempo e incorporar à nossa existência aqueles rudes

compatriotas retardatários” (CUNHA, 2002, p. 682).

Conforme o autor de *Os sertões*, um intelectual em sintonia com o seu tempo e com as teorias em voga na época, o contraste é a mais significativa feição nacional e, por isso, não havia como comparar as nossas *raças* com as europeias. Segundo Euclides, a mistura de sangue era prejudicial, pois fazia do povo brasileiro uma sub-raça, ou raça inferior. Para o autor, que não explora o estudo do processo de mestiçagem em seus artigos jornalísticos, no livro, “o mestiço [...] é um decaído, sem a energia física dos ancestrais selvagens, sem a atitude intelectual dos ancestrais superiores” (CUNHA, 2002, p. 200). Ainda assim, ele buscava estudar uma possível unidade étnica nacional – “o brasileiro, tipo que se procura [...] só pode surgir de um entrelaçamento consideravelmente complexo” (CUNHA, 2002, p. 155) –, o que era reflexo dos anseios presentes nos países recém emancipados do *novo mundo*. Conforme Berthold Zilly (s.d., p. 305-11), os letrados brasileiros do século XIX, que tanto acreditavam nos benefícios da República, das ciências e da civilização, “se viram diante de importante missão histórica: ajudar a construir uma nação civilizada”, quando, no entanto, “a falta de coerência e unidade étnica da nação-Estado parecia pôr em perigo a jovem República”.

Em *O homem*, Euclides interpreta o conflito formador do povo brasileiro, presente no choque entre dois processos de mestiçagem: litorâneo (mulato) *versus* sertanejo (historicamente isolado e sem tantos componentes africanos, pois, conforme o autor, era fruto da mistura do índio com o bandeirante⁷). Segundo o

⁷ Paulista que subia o Rio São Francisco para desvendar novas terras e que manteve, no interior do sertão nordestino, tradições seculares e o misticismo medieval português.

escritor, estes dois processos se diferenciavam senão pelos elementos que os formavam, pela condição do meio em que viviam. Sobre o assunto, Roberto Ventura (1991, p. 55) afirma que:

Euclides negou a primazia evolutiva das populações litorâneas e inverteu a oposição entre litoral e sertão. Ao afirmar o caráter específico da miscigenação sertaneja, expandiu a idéia de nação e valorizou o país interior em vez do litoral, em contato com o exterior. Nos sertões se localizariam os contornos de uma cultura nacional, original quanto aos padrões metropolitanos de civilização.

Conforme Ventura, intelectuais da época, a exemplo de Nina Rodrigues, opõem o litoral ao sertão, pensando aquele como “reduto da civilização e dos grupos brancos”, e este como “dominado por uma população mestiça, infantil, inculta, em estágio inferior da evolução social” (VENTURA, 1991, p. 54). No entanto, na obra euclidiana, o sertão aparece como o lugar onde a nacionalidade estaria pura e livre das influências estrangeiras – tão fortes no litoral –, dando a matéria para que se trate de problemas nacionais. Como observa Berthold Zilly (s.d., p. 325), em *Os sertões*, “a civilização é apresentada como ambígua, benfazeja, sim, além de necessária, porém com aspectos perigosos e decadentes, podendo com suas ‘aberrações e vícios’ atropelar o mestiço despreparado”. Para Nina Rodrigues, “os mestiços seriam igualmente incapazes de compreender a passagem da monarquia para a República, forma política tida como superior”, por isso, para ele, Canudos seria tão monarquista quanto fetichista, “menos

por ignorância, do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto” (VENTURA, 1991, p. 54-5).

A dicotomia, presente em *Os sertões*, entre “litoral” versus “sertão” formula o discurso sobre a nacionalidade brasileira, no qual o sertanejo – “rocha viva”, cerne do verdadeiro brasileiro – é o paulista que se isolou no sertão nordestino, em consequência do nomadismo das bandeiras. A metáfora arqueológica “rocha viva” sugere o *sertanejo* como a parte interior de uma rocha⁸, onde se encontra a sua verdadeira essência, uma vez que seus elementos não se mesclam com outros que não lhe pertencem. Ao contrário, porém, na superfície, onde estaria localizado o *litorâneo*, há uma constante “mistura” dos elementos próprios da rocha com outros estrangeiros a ela: “Ora, toda essa população perdida num recanto dos sertões lá permaneceu até agora, reproduzindo-se livre de elementos estranhos [...]. Enquanto mil causas perturbadoras complicavam a mestiçagem no litoral revolvido pelas imigrações e pelas guerras” (CUNHA, 2002, p. 195).

Segundo Euclides, o “mestiço proteiforme do litoral” era completamente distinto da “uniformidade notável” que se observava nos habitantes do sertão. Nestes, encontravam-se “os mesmos caracteres morais traduzindo-se nas mesmas superstições, nos mesmos vícios, nas mesmas virtudes” (CUNHA, 2002, p. 199). Ao passo que no litoral, conforme Euclides, “se refletia a decadência da metrópole e todos os vícios de uma nacionalidade em decomposição”, nos povoados sertanejos haviam sido erigidas, vagarosamente, as

⁸ Granito, cuja mistura de três elementos (feldspato, mica e quartzo) supõe relação com a miscigenação do indígena, africano e europeu.

missões indígenas, em antigas aldeias erguidas pelos jesuítas. E, assim, “enquanto o negro se agitava na azáfama do litoral, o indígena se fixava em aldeamentos que se tornariam cidades” (CUNHA, 2002, p. 192).

O autor de *Os sertões* lê o interior do Brasil de forma diversa ao desvario e à enfermidade que observa nas grandes cidades litorâneas: “O abandono em que jazeram [...] evitou que descambassem para as aberrações e vícios dos meios adiantados. É um retrógrado, não é um degenerado” (CUNHA, 2002, p. 203). Euclides descreve inúmeros defeitos do sertanejo, advindos da sua inferioridade racial, da sua preguiça e atraso, mas deixa claro que o degenerado é o habitante da capital, exposto ao progresso e a todo tipo de devassidão e infortúnio: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral” (CUNHA, 2002, p. 207).

A Luta

A Luta, a terceira parte de *Os sertões*, é a narração da guerra, a partir dos seus antecedentes – quando Antônio Conselheiro adquire em Juazeiro certa quantidade de madeira para a construção da igreja nova de Belo Monte (Canudos), mas no prazo estipulado não a recebe.

Baseado no boato de que os conselheiristas invadiriam Juazeiro para arrebatam a madeira à força, o juiz de direito deste lugarejo pede reforços ao governo estadual, que para lá envia a primeira expedição militar contra Canudos, comandada pelo tenente Pires Ferreira. Chegando em Juazeiro, a expedição encontra a cidade assustada, mas

sem os supostos invasores. Então, resolve marchar em direção a Canudos. Cento e cinquenta quilômetros depois, em Uauá, o primeiro embate acontece, quando centenas de conselheiristas vão até aquela pequena cidade, rezando, louvando, aparentando uma simples procissão. Apesar de o menor número de mortos ter sido da parte do exército, este foge assombrado e vencido. É formada, em consequência da derrota anterior, a segunda expedição militar contra Canudos, sob o comando do major Febrônio de Brito. Devido às emboscadas e constantes ataques dos conselheiristas contra o exército, este novamente é obrigado a recuar e retornar, antes mesmo de alcançar a cidade almejada. A terceira expedição, liderada pelo famoso coronel Moreira César, é vencida com a morte deste e a debandada dos soldados republicanos, que somavam em mais de 1300 homens. Por fim, foi montada a quarta expedição⁹, comandada pelo general Artur Oscar de Andrade Guimarães, cujo objetivo era “lavar a honra do exército” após a surpreendente derrota da expedição Moreira César. A opinião pública estava histórica e determinava a necessidade de medidas decisivas do governo, para que o conflito fosse logo solucionado. Seis meses depois, termina a resistência sertaneja dos “adversários moribundos”, nas palavras de Euclides, vencida também pela fome e pelo cansaço, e é encontrado o corpo do líder Antônio Conselheiro.

Em *A Luta*, Euclides narra diversas ações das tropas,

⁹ A quarta e maior expedição foi composta por tropas de 17 estados (Bahia, Sergipe, Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Rio Grande do Norte, Piauí, Maranhão, Pará, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Amazonas, Ceará e Paraná), e o efetivo militar era formado de seis Brigadas, com duas colunas que, por posições opostas, investiam contra o arraial.

censura e opina sobre as falhas de muitas delas, relata os números de baixas, elucida algumas das táticas e vitórias dos sertanejos, descreve com detalhes muitos dos combates, fala dos perigos, desânimos, atitudes, confusões, “triumfos pelo telégrafo”, explica a ação da imprensa durante a guerra e a reação da população frente às notícias recebidas, e critica grande quantidade destes acontecimentos.

Euclides, desiludido com a República a que apoiou com tanto afincamento durante o período em que estudou na Escola Militar, em *Os sertões*, não poupou ofensas e críticas ao novo governo, à imprensa e ao exército do qual fazia parte. Como afirma Pedro Lima Vasconcelos (2002, p. 114), a reviravolta de Euclides (da sua escrita jornalística ao livro) “torna sua obra-prima ainda maior, digna de celebração pelo fato de seu autor, ao fazer esse percurso, investir contra aquelas instâncias nas quais sempre confiou e aliar-se a gente em cuja causa não punha a menor confiança”. Desta forma, a “instância” República é revisada como um tema “central na obra de Euclides da Cunha, revelando uma preocupação que manteve ao longo da vida” (VENTURA, 1996, p. 275). Todavia, no livro, a antiga “militância pela República” se transforma em “descrença com os rumos do novo regime”. Ainda, conforme Roberto Ventura (1996, p. 285),

Sua revisão da República resultou de uma longa e sofrida reelaboração, em que deixou transparecer certa dose de culpa ou remorso pelo silêncio cúmplice a que precisou se submeter. [...] Defrontou-se, no calor da hora, com a impossibilidade de erguer a voz ou de brandir a pena contra os desmandos de um regime político,

em que desapareciam os contornos entre heróis e bandidos, entre civilização e barbárie.

O autor, em *Os sertões*, ao discutir uma República antes por ele reverenciada, revela a súbita chegada desta forma de governo, por meio de um golpe militar – o que originou problemas ao novo regime. A feição da República brasileira, diferente da idealizada, havia sido mencionada apenas superficialmente por Euclides em algumas crônicas jornalísticas. Mas o desapontamento pela inesperada aparição deste sistema político instaurado no Brasil, calado em seus artigos, é explicitado e criticado no livro. Em *Os sertões*, o autor censura, igualmente, os intelectuais republicanos do Brasil, que tentavam copiar os “códigos orgânicos de outras nações”, enquanto negligenciavam a própria nacionalidade, e por isso não compreendiam os “rudes patrícios” do sertão¹⁰:

Vimos no agitador, [...] adversário sério, estrênuo paladino do extinto regime, capaz de derruir as instituições nascentes.

E Canudos era a Vendéia...

Entretanto, quando nos últimos dias do arraial foi permitido o ingresso nos casebres estraçoados, salteou o ânimo dos triunfadores decepção dolorosa. [...] Requeriam outra reação. Obrigavam-nos a outra luta (CUNHA, 2002, p. 318).

¹⁰ Mais uma vez a obra euclidiana apresenta a dualidade litoral X sertão, aqui traduzida pela oposição: modernidade X tradição, civilização de copistas X autenticidade. Conforme Nísia Trindade Lima (2002, p. 74), “a percepção dessa dualidade está relacionada à construção de dois tipos de estranhamento ou desterro – o dos sertanejos e o dos intelectuais que sobre eles escrevem”.

Euclides da Cunha foi convidado a ser correspondente de *O Estado de S. Paulo* graças a dois críticos e contundentes artigos que escreveu sobre a guerra de Canudos, no seu período inicial, intitulados *A nossa Vendéia*. Nestes, comparava Canudos a uma sublevação monárquica no interior da França. Em *Os sertões*, no entanto, Canudos não era mais a Vendéia dos seus primeiros artigos sobre o acontecimento. O livro revela o processo de revisão das ideias do autor e ironiza o paralelo que seria “levado às últimas conseqüências”. Mas, no livro, Euclides não abandona completamente a alegoria, quando volta a dizer: “Canudos era a nossa Vendéia”, e compara os insurretos da Vendéia e sua vegetação ao *jagunço* e às caatingas. Abordando esta metáfora euclidiana, Leopoldo Bernucci (1995, p. 26) faz alusão a um “duplo movimento”, uma “oscilação” que

além de refletir no plano do tropo a incerteza ou dúvida do autor quanto à validade de sua aplicação ao caso Canudos, denuncia também as suas limitações, ora mostrando a semelhança (símile), ora mostrando a identidade (metáfora). Se Canudos não é a Vendéia em sua forma mais completa, ao menos se parecerá com ela.

Em sua obra, Euclides (2002, p. 365-6) faz referência a um “mesmo misticismo, gênese da mesma aspiração política; as mesmas ousadias [...] e a mesma natureza adversa, permitiam que se lembrasse aquele lendário recanto da Bretanha”. No entanto, esta comparação, no livro, está contextualizada pela justificativa dos erros da segunda expedição. O exército brasileiro, conforme Euclides, “não olhou para o ensinamento histórico”. Os

sertões apresenta alguns aspectos de semelhança entre o *chouan* e o jagunço, mas em uma outra perspectiva. Aqui, ele não era mais representado como o inimigo que lutava pela restauração monárquica.

Segundo Euclides, em 1897, a população brasileira – “organização intelectual imperfeita” – ainda não compreendia a República, ou não havia se adaptado “à legislação superior do sistema político recém-inaugurado”. A “série de sedições e revoltas, emergentes desde os primeiros dias do novo regime” revelava, para o autor, que “o governo civil, iniciado em 1894, não tivera a base essencial de uma opinião pública organizada” (CUNHA, 2002, p. 417-8). Assim, “Canudos teria sido o resultado da instabilidade dos primeiros anos de uma república decretada ‘de improviso’ e introduzida como ‘herança inesperada’” (VENTURA, 1996, p. 284).

Em *A luta*, são observáveis diferenças significativas quanto ao tratamento de personagens e acontecimentos narrados anteriormente nas reportagens de Euclides. É possível destacar muitas mudanças de pontos de vista e omissões por parte do autor; como sobre o adolescente sertanejo Agostinho. A obra *Os sertões* não trará qualquer menção clara ou precisa a este rapaz que, segundo a reportagem de 19 de agosto de 1897, revelou que a única coisa que Conselheiro prometia aos que morressem era “salvar a alma”. De acordo com Marco Antônio Villa (2002, p. 23), como aquele informante “minava suas bases, Euclides resolveu o dilema: simplesmente suprimiu o garoto Agostinho, que não mentia e nem sofismava, de *Os sertões*”.

Sobre o comandante-em-chefe, Artur Oscar, a quem dedicou estima e certa confiança durante a guerra, Euclides,

que no telegrama de 8 de agosto de 1897 afirma que “são precipitadas quaisquer apreciações sobre os erros atribuídos ao general Artur Oscar”, em *Os sertões*, falando deste, diz: “completou, assim, com um erro outro, colocando-se em situação insustentável” (CUNHA, 2002, p. 590).

Talvez uma das mais famosas frases de Euclides (“O sertanejo defendia o lar invadido”) revele-se também como uma prova do seu novo discurso. Depois de ter escrito artigos jornalísticos acusando o sertanejo e apontado-o como o inimigo que deveria ser exterminado, deixa documentado, em *Os sertões*, o que concluíra da sua experiência durante a Guerra de Canudos:

O jagunço não era afeito à luta regular. Fora até demasia de frase caracterizá-lo inimigo, termo extemporâneo, esquisito eufemismo suplantando o “bandido famigerado” da literatura marcial das ordens do dia. O sertanejo defendia o lar invadido, nada mais. [...] Os assaltantes eram, por via de regra, os assaltadores (CUNHA, 2002, p. 622).

Mas o termo que Euclides revelava agora, em seu livro, como “demasia de frase” ou “esquisito eufemismo” havia sido, no ano da guerra, muitas vezes utilizado por ele para acusar o sertanejo, quando se dirigia, por meio de seus artigos, aos leitores de *O Estado de S. Paulo*.

Outro tema completamente remodelado em *Os sertões* foi a degola. A representação deste ato brutal cometido pelos soldados, ao qual, nos artigos, Euclides deu um sentido de normalidade¹¹, no livro, ainda que

¹¹ Apenas displicentemente citado por ele duas vezes em *O Estado de S. Paulo*: nos artigos de 10 de agosto e 7 de setembro de 1897.

não tenha sido excessivamente explorada, é destacada, ao ser denunciado o seu caráter de brutalidade. Para Roberto Ventura (2000, p. 14-5), em *Os sertões*, “a matança se torna implícita, tem função semelhante à do telão no teatro: o narrador adota o decoro trágico e evita a representação de fatos cruentos, já que não haveria linguagem capaz de exprimir tal horror”. Dessa forma, “a história se encenava como comédia trágica ou era narrada enquanto epopéia sem heróis, em que o estilo elevado era rebaixado pela perspectiva irônica”.

No subcapítulo intitulado “Os últimos dias”, Euclides acusa: após o soldado impor à vítima um “viva a República”, poucas vezes satisfeito,

arravam-na pelos cabelos, dobrando-lhe a cabeça, esgargalando-lhe o pescoço; e, francamente exposta a garganta, degolavam-na. [...] Tínhamos valentes que ansiavam por essas cobardias repugnantes [...]. Apesar de três séculos de atraso, os sertanejos não lhes levavam a palma no estadear idênticas barbaridades (CUNHA, 2002, p. 726).

A cena, que antes parecia não merecer a atenção do jornalista Euclides, agora era lida como uma covardia que revelava o verdadeiro bárbaro daquela guerra. Ao ganhar cores na obra euclidiana, é dada perpetuidade a este fato, através da literatura que marca, na história, a força da desmedida ação de guerra¹².

¹² Em *Os sertões*, Euclides evita o esquecimento previsto por ele mesmo, em relação ao heroísmo dos soldados republicanos, no segundo *A nossa Vendéia*: “Mas, amanhã, quando forem desbaratadas as hostes fanáticas do Conselheiro [...], ninguém conseguirá perceber, talvez, [...] os trilhos, as veredas estreitas por onde passam, nesta hora,

Sem o antigo sarcasmo, o autor, em *Os sertões*, trata da crença do sertanejo – de que sua alma não seria salva se morresse a “ferro frio” – como uma “superstição ingênua” zombada pelos soldados que, no livro, foram chamados de “carrascos”. Assim, para ele, “aquilo não era uma campanha, era uma charqueada”, corroborada pela impunidade naquele “cordão de serras” que, se transposto, “ninguém mais pecava”. O governo, ao invés de reprimir aquelas ações, silenciava, numa “indiferença culposa”. E Euclides (2002, p. 736), enfim, protesta explicitamente: “Mas que entre os deslumbramentos do futuro caia, implacável a revolta; sem altitude, porque a deprime o assunto; brutalmente violenta, porque é um grito de protesto; sóbria, porque reflete uma nódoa – esta página sem brilhos...”

Falando através da metalinguagem do próprio livro e da sua página denunciadora de horrores antes calados por ele, Euclides espera do futuro, não que sejam imperceptíveis as veredas do sertão a caminho de Canudos, por onde passaram os soldados “admiráveis de bravura e abnegação”¹³, mas que a sua obra ajude a refletir aquela nódoa da história brasileira. Assim, Euclides lança um olhar irônico sobre suas próprias crenças e consegue compreender o horror da guerra,

admiráveis de bravura e abnegação – os soldados da República” (CUNHA, 2003, p. 129). Contudo, é o perpetuado por esses soldados e pela República que será imortalizado por Euclides. De acordo com o tradutor alemão de *Os sertões*, Berthold Zilly, “o brado contra o esquecimento também é um brado contra a impunidade”. O exército acreditava que em Canudos “não havia temer-se o juízo tremendo do futuro. A História não iria até ali” (CUNHA, 2002, p. 734). Mas, “graças a *Os sertões* ela vai até ali. Se não é possível evitar o crime, pelo menos é preciso evitar que seja esquecido” (ZILLY, 1997, p. 134).

¹³ Palavras do seu artigo *A Nossa Vendéia*, de 17 de julho de 1897.

após testemunhar e delatar a trágica violência que foi a intervenção militar da República brasileira em Canudos.

Considerações Finais

Euclides da Cunha, ao se envolver com o tema dos sertões brasileiros, traça distintos caminhos discursivos na produção de enunciados pertencentes a diferentes gêneros. Pela experiência política e militar, adapta suas observações sobre o Brasil do final do século XIX à linguagem jornalística. Por meio dela, encontramos suas primeiras leituras sobre a guerra de Canudos. Adepto, no entanto, a outras formas de linguagem, revela-se um escritor preocupado também com o lirismo poético quando elabora, assim que volta de Canudos, um poema intitulado “Página Vazia”. A partir daí, começa a compilar suas percepções antitéticas e escrever o livro considerado ainda hoje como uma das maiores obras da literatura nacional. Entretanto, tem como pretensão inicial fazer uma obra de história, como deixa entender a *Nota preliminar de Os sertões*. De princípio, portanto, pensamos que ele deseja exaurir o conhecimento do acontecimento, encerrando-o, talvez. Mas, ao fim do livro, ele deixa clara a intenção de não ser uma totalidade, tornando-se uma espécie de “enciclopédia aberta” que permite uma pluralidade de leituras complementares não apenas do fato em si, mas dos vários fenômenos que o envolveram:

Fechemos este livro. Canudos não se rendeu.

[...] Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-lo. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos (CUNHA, 2002, p. 777-8).

Ao partir do jornalismo para o *texto literário*, no sentido de uma narrativa construída no cruzamento de saberes e de recursos linguísticos expressivos – como a metalinguagem e os vazios a serem preenchidos pelos leitores –, Euclides perpetuou o tema da guerra e das injustiças no país e estabeleceu formas de expressão dos temas nacionais, através de uma produção discursiva que se renova e se ressignifica a cada leitura.

Referências

ALBUQUERQUE JR., Muniz. **A invenção do Nordeste e outras Artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

ALENCAR, Ive; SANTOS, Lidiane; SOARES, Heloiza. Teorias da Comunicação e da opinião pública nacional nas obras literárias do ciclo canudiano. **Revista Canudos**, Salvador, v. 5, n. 1/1, p. 207-24, jun. 2001.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2002.

BERNUCCI, Leopoldo. **A imitação dos sentidos**: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha. São Paulo: EDUSP, 1995.

BERNUCCI, Leopoldo. Pressupostos historiográficos para uma leitura de *Os sertões*. Revista USP, São Paulo, n. 54, p. 6-15, jun./jul./ago. 2002a.

BERNUCCI, Leopoldo. Índice onomástico. In: CUNHA, Euclides da. **Os sertões**: campanha de Canudos. Edição, prefácio, cronologia, notas e índices Leopoldo M. Bernucci. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002b, p. 793-858.

CALASANS, José. Euclides da Cunha nos jornais da Bahia. Revista de Cultura da Bahia, Salvador, n. 4, p. 47-50, jul./dez. 1969.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CUNHA, Euclides da. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966. (v.2)

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**: campanha de Canudos. Edição, prefácio, cronologia, notas e índices Leopoldo M. Bernucci. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

CUNHA, Euclides da. **Canudos**: Diário de uma expedição. São Paulo: Martin Claret, 2003.

GALVÃO, Walnice. Os sertões: uma análise literária. In: Canudos: as falas e os olhares. Fortaleza: EUFC, 1993, p. 23-30.

GALVÃO, Walnice Nogueira. No calor da hora. A Guerra de Canudos nos jornais. 4ª Expedição. São Paulo: Ática, 1994.

LIMA, Lidiane Santos de. Rua do Ouvidor *versus* Caatingas: comunicação e guerra em *Os sertões* e em *A guerra do fim do mundo*. **Revista Canudos**, Salvador, v. 7, n. 6/7, p. 117-25, jan./dez. 2002.

LIMA, Lidiane Santos de. Uma página (vazia) entre a nossa vendéia e as ações da imprensa representadas em *Os sertões*. **Revista Outros Sertões**, Salvador, v.1, n.1, p. 51-57, jun. 2005.

SANTANA, José C. Barreto de. **Ciência e arte**: Euclides da Cunha e as ciências naturais. Feira de Santana: UEFS, 2001.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. Legião de demônios ou novos crucificados? Elementos religiosos e teológicos nos olhares de Euclides da Cunha sobre Belo Monte e Antônio Conselheiro. **Revista Canudos**, Salvador, v. 7, n. 6/7, p. 103-16, jan./dez. 2002.

VENTURA, Roberto. **Estilo tropical**: história cultural e polêmicas literárias no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha e a República. *Revista Estudos Avançado*, São Paulo, v. 10, n. 26, p. 275-91, jan./abr. 1996.

VENTURA, Roberto. Redescoberta do Brasil: Euclides da Cunha no vale da morte. **Cult**, São Paulo, p. 12-5, ago. 2000.

VILLA, Marco Antonio. O 'Diário de uma expedição' e a construção de *Os sertões*. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (Org.). **Os sertões de Euclides da Cunha**: releituras e diálogos. São Paulo: UNESP, 2002, p. 11-40.

ZILLY, Berthold. Nação e sertanidade: formação étnica e civilizatória do Brasil, segundo Euclides da Cunha. In: **Zwischen Literatur e Philosophie**: Suche nach dem Menschlichen. Berlin: WVB, s.d., p. 306-51.

ZILLY, Berthold. Um depoimento brasileiro para a História Universal. **Revista Canudos**, Salvador, v. 2, n. 2, p. 127-36, jul. 1997.

